

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 580

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$000 rs e sendo duas 3\$600 rs.—Semestre 1\$050 rs.—Brazil, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—SABBADO 16 DE DEZEMBRO

Chegamos aos tempos mais illuminados, á epoca em que as luzes brilhantes e fogases do progresso tem atingido o apogeu, ao reinado de Astreia com as maravilhosas e surprehenderes inherencias da civilização ultra-liberal.

Que mais podia desejar um povo oppresso pelos rigores do absolutismo, sequioso de liberdade e progresso?

Sarna para se cossar,—soe dizer-se d'aquelles a quem nada falta.

Prégam-o assim os luminares do tal progresso—esse turbilhão de lamparinas que a propaganda alimenta com o oleo turvo elaborado nos hibridos alambiques das caslús maçonicas.

E o que é este progresso, esta civilização, estas luzes, estas decantadas maravilhas antepostas com delirioso afan pelas tubas jornalisticas ás velharias do passado apodadas de elementos retrogradados, de peias ao desenvolvimento da civilização?

Vejam os:

Luzes rubras, de sinistro e pavoroso aspecto—que sahem das trevas, dos an-tros secretos do maçonismo—onde se depura o corrosivo social que vem envenenar tudo, tudo preverter;—onde se afia e herva o punhal que vem aniquilar todos os elementos de virtude.

Progresso que se manifesta na libertinagem, no apego ao vicio, na libidinagem, no sensualismo, productos necessarios da escola materialista moderna que mantem os livros da voga, o jornalismo

que se chama liberal para encobrir o servilismo mercenario da seita.

Civilização que se patenteia na gala e turvelinho da devassidão tolerada e protegida ali nos prostibulos sem numero, nas espeluncas de cada canto onde o vicio, a ociosidade e toda a ordem de crime, campeiam infrenes e acham um *mare magnum* onde alargar o nefasto dominio.

Eis o progresso, as luzes, a civilização do seculo!

E quem ousará refutar a efficacia de todas estas maravilhas?

Os reaccionarios, os clericas a quem os corifeus da seita não poupam com insultos e doestos proprios de quem fervilha em tão immundo tremedal de impurezas.

Por isso ahi vemos a calumnia arvora-da em arma de ataque contra a compos-tura de costumes, a seriedade conspicua de uma classe respeitavel e toda incan-gavel na difusão do verdadeiro progresso—no progresso moral, da verdadeira ci-vilização—na civilização pura e intemerata do Evangelho.

O clero, a Egreja e todas as institui-ções de sua inherencia e iniciativa, são o pesadelo da catifa maçônica, que se re-torce enraivecida contra esta barreira in-superavel á torrente devastadora do vicio e da desordem.

D'ahi a guerra desleal e covarde, se-guida das periecias hediondas que pôde sugerir a maxima perversão e ferocidade.

Marchem pois, relapsos, caminhem por esse plano inclinado para o abismo, no entanto a causa do direito e da justiça—que é a causa de Deus—hade triunfar, a

despeito de vossas bravatas dissolventes, de vossos exforços damnados.

J. MACHADO JUNIOR.

Do «Conimbricense» transcemos o seguinte:

Acabamos de receber de Londres do snr. Antonio Ribeiro Saraiva, a seguinte carta:

Snr. Joaquim Martins de Carvalho—Londres (21 Nottingham Street, Marylebone, W), 29 de Novembro de 1876.

Tinha acabado, agora mesmo (9 horas da noite), de fechar as cartas inclusas para o «Commercio do Minho», e para o seu redactor; eis que me chega a «Nação» de 25 d'este mez, e n'ella leio um artigo, na pag. 1.ª, col. 6.ª, onde se copiam palavras de v., fazendo justiça aos jesuitas, que eu fui a primeira causa de que fossem para Portugal.

Outros artigos, que occasionalmente tenho visto, da sua penna, justificando a sua imparcialidade, sendo ainda por este confirmados, induzem-me á resolução, que v. espero saberá apreciar, de romper o sobrescripto para o redactor do «Commercio do Minho» (meu amigo), e substitui-lo por outro para v., enviando-lhe as mesmissimas cartas que para aquelle jornal e para aquelle amigo já tinha escriptas e fechadas.

Se não estou enganado a respeito do caracter que a v. attribuo, v. terá a bondade de na sua folha dar logar á minha

dita carta, que o «Commercio do Porto» rejeitou—assim como rejeitaria tambem outra, mais breve, que no mesmo objecto lhe dirigi. Resolvi-me a dirigir-me assim áquelle papel, pelo caracter que d'elle me tinham descripto; enganei-me—não é a primeira vez, nem será a ultima:—espero, porém, não succeda o mesmo a v.

V. terá provavelmente, visto a correspondencia do padre José Delvaux, o superior da colonia d'esses mesmos jesuitas que eu fiz ir para Portugal. Eu não tinha noticia de tal publicação, até que vi uma revista d'ella no mensuario catholico d'aqui, intitulado *The Month*; onde não sei porque engano ou tolice me intitularam *marquez* (!)

O livro não se vendia, era publicado particularmente; quando mandei pedir um exemplar, o editor, o padre *Carayon*, um jesuita, me escreveu, dizendo que já me tinham resado muito por a alma, julgando-me morto!

Ante-hontem houve aqui na sociedade geografica uma sessão notavel a respeito de Africa. Quanto me penalizou o ver, que os inglezes, os allemães, os italianos, e até os belgas, vão aproveitar o que hoje seria para nós um imperio (outro Brasil), sem a preversa loucura de D. Pedro e da maçonaria!

De v. respeitoso apreciador e criado—*Antonio Ribeiro Saraiva*.

Não se enganou, por certo; o snr. Antonio Ribeiro Saraiva, em se dirigir a nós.

Não obstante militarmos em campos

27

FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME I

XIII

O velho.

[Continuação]

Longo tinha sido o cantar do velho, e durante todo elle mil, e diversas sensações havia experimentado a Bella Orfã.

Um segredo de seus mais bellos dias, o primeiro romance de sua alma de moça estava revelado.

Quem o revelára?

E sobretudo havia alli n'aquelles versos a expressão, e a confissão de um amor profundo, mas temeroso... era o poeta, que amava a bella.

O primeiro pensamento de Celina foi perguntar ao velho Rodrigues o nome do auctor d'aquelle romance, córando porém diante de sua consciencia de virgem hesitou...

O velho estava em pé diante d'ella com seus olhos pequenos, porém penetrantes fitos em seu rosto, e obrigando-a a abaixar a cabeça.

Em fim Rodrigues rompeu o silencio.

—Está triste, senhora?...

—Não; respondeu ella.

—Mas tambem ninguem a julgará alegre.

—Tambem não estou alegre.

—Ah!... está pensativa.

Celina olhou para o velho guarda portão, e o achou sorrindo-se maliciosamente.

—De que se está rindo assim? perguntou.

—E' porque estou adivinhando o pensamento, que a occupa.

—E qual é?...

—Deseja saber a historia do meu romance, o nome da virgem innocente, e do mancebo pobre não é assim?

—E' verdade: respondeu Celina hesitando.

—Pois eu vou satisfazel-a.

A Bella Orfã córou.

—Não sei o nome da virgem, disse o velho.

—E o do mancebo?... perguntou Celina respirando.

—Esse eu o sei. E' um joven modesto, e cheio de merito, porém pobre: elle ama apaixonadamente, ama como nenhum outro poderá amar mais do que elle; mas o seu amor merreria no silencio de seu quarto, se uma generosa e traidora mão não roubasse n'esse romance a confissão d'elle tão extremo, e tão puro...

—Mas quem é elle?...

A bella queria conhecer o seu poeta. O velho Rodrigues estendeu a mão para o lado do Purgatorio-trigueiro, e apontando com seu longo e trémulo dedo, disse:

—E' o snr. Candido.

E como se tivera concluido uma commissão importante, de que se encarregára, sahio com passos vagarosos da sala.

A Bella Orfã ficou pensando muito tempo no mesmo logar, e quando se levantou disse, como fallando consigo mesma.

—Deveria ter adivinhado... ante-hontem á noite quando eu meditava, elle tambem meditou... e cantou depois sem duvida este mesmo romance; porque eu me lembro de ter ouvido distinctamente dizer a sua voz.

—Quem colhera o terceiro botão!...

XIV

O moço e a moça.

Aproximava-se a hora encantada do crepusculo vespertino.

A' calma abrasadora de um dos primeiros dias de dezembro, succedera uma d'essas tardes frescas, e bellas que fazem as delicias dos paizes tropicaes.

Uma multidão immensa pejava as alamedas, os dois pequenos largos, e o terço do passeio publico da boa cidade do Rio de Janeiro. Era como uma tarde de festa.

Entre os novos concorrentes que a todo instante formigavam, quatro vieram enfim que atrahiram a attenção de muita gente: eram um homem e uma mulher velha; e um homem e uma mulher moça.

Vinham os dois ultimos adiante e seguidos pelos velhos: tão facilmente se lia a serenidade no semblante d'estes, como a perturbação no dos primeiros.

Estava a moça muito córada, e quasi anciosa; e o moço, pelo contrario, muito pallido e como que abatido: traziam ambos os olhos no chão, e não diziam palavra; eram porém ambos bonitos; a moça principalmente era muito bella.

Vinha ella de vestido de escomilha cór de rosa e em corpinho, com os cabellos á napolitana; não trazia nem brincos, nem adereço, nem pulseiras; mas sim lindissimos braços nús, pois que o vestido era de mangas curtas, e ao mesmo tempo tão comprido, que apenas ás vezes se descobria a ponta envernizada de suas pequeninas botinas. Uma fita azul larga de dois dedos e enlaçada na cintura, era ao demais o seu unico ornato.

O moço vestia sobrecasaca e calças de merinó preto, gravata da mesma cór, e colete de fustão branco lavrado; tinha fechando-lhe o peito da camisa um simples botão de ouro pequenino e liso; trazia os cabellos muito curtos, chapeo de castor preto, e botim de couro de bezerro.

A velha estava vestida toda de preto,

e tinha na cabeça um chapelinho da mesma cór, mas de palha, com enfeites de fitas roxas.

O ancião enfim, vinha de sobrecasaca de panno cór de rapé, gravata preta, colete e calças brancas; trazia uma grossa corrente de ouro, muito fóra da moda prendendo o relógio, e pendendo de uma fita negra sua grande luneta de aros de prata: tinha na cabeça um chapeo de patente, e calçava sapatos inglezes.

Seguiram estes quatro personagens a rua, que em linha recta vae do portão do passeio terminar-se no largo principal, e defronte do outeiro artificial chamado commumente—Cascaeta.—De caminho foi o velho cumprimentado como amigo por alguns: trazia a moça muito no chão os olhos para o ser tambem: ninguem todavia deu fé de conhecer a velha nem o moço.

Os dois velhos conversando um com o outro sem cessar, nada ouviam do que se poderia estar dizendo em derredor d'elles: outro tanto não acontecia aos mancebos, que em silencio caminhando, tinham por consequencia mais apurada a attenção.

Já por vezes lhes tinha chegado aos ouvidos ora um elogio á belleza da joven, ora as meias palavras e o ruido das risadinhas de duas moças ao apuridar-se; quando ao passarem por junto de dois mancebos disse um d'elles:

—Olha... ahi vão dois irmãos ou dois noivos.

—Nem uma nem outra coisa, respondeu-lhe o companheiro.

—Porque?...

—Porque se fossem irmãos conversariam, e se fossem noivos estariam dizendo finezas.

—Então são namorados.

—E' o mais provavel.

A perturbação do moço e da moça foi tão visivel então, que não poude escapar aos olhos de seus observadores.

(Continúa)

políticos diversos, nunca se dirá que faltamos a este cavalheiroso appello.

Para nós tem o sr. Antonio Ribeiro Sariaiva um merito que não reconhecemos em certos liberaes, que o são só em o nome. Esse merito está na fidelidade ás suas crenças politicas e á dynastia, que julga legitima; sustentando já em 1827 e 1828, em Paris, as mesmas opiniões que depois sustentou até 1834 estando o seu partido no poder, e desde então achando-se na adversidade.

E ainda mais do que isso, quando em 1832 e 1833, sendo agente do governo de D. Miguel em Londres, tinha a rara independencia de escrever ao ministro dos negocios estrangeiros, visconde de Santarem, censurando muitos dos erros politicos que então se estavam commettendo.

Apesar do que tem de interessante a carta que o sr. Saraiva nos pede para publicar n'este jornal, não sabemos, attenta a sua grande extensão, se a poderemos publicar em um só numero. Faremos a esse respeito o que nos for possível.

O sr. Ribeiro Saraiva falla-nos na correspondencia do padre José Delvaux, superior da colonia dos jesuitas que vieram para Portugal, e diz-nos que provavelmente teremos conhecimento d'ella. Devemos dizer pela nossa parte, que não vimos ainda tal correspondencia.

Possuimos muitas cartas originaes dos jesuitas que estiveram em Portugal de 1829 a 1834, mas nenhuma d'ellas é do padre José Delvaux. E vimos em tempo, no periodico francez *L'Ami de la religion*, varias cartas d'alguns d'esses jesuitas.

Não sabemos se o sr. Ribeiro Saraiva terá conhecimento do nosso livro—*Apostamentos para a historia contemporanea*. Ahi podera encontrar no capitulo XV a noticia de terem entrado em Lisboa, no dia 13 de Agosto de 1829, os padres José Delvaux, superior; João Pouly, Jorge Rousseau, Alexandre Mallet e José Bukacinski; e os leigos Ignacio Monnier e Francisco Baron.

Foram primeiramente para a casa de S. Vicente de Paulo em Rilhafolles, d'onde se mudaram para o palacio do Marquez de Marialva em Marvila; d'ahi para o palacio junto da calçada do Lavra; e por ultimo para Santo Antão, no bairro da Mouraria, para onde tinham ido os primeiros jesuitas com S. Francisco Xavier.

Como o sr. Ribeiro Saraiva nos diz na carta que havemos de publicar, que foi a pessoa que tomou a iniciativa dos jesuitas virem para Portugal, a fim de irem missionar em as nossas possessões, póde facilmente verificar se são certos estes factos por nós apontados.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A carta que o sr. Martins de Carvalho se refere é a seguinte:

A redacção do «Commercio do Porto». —Londres (21 Nottingham street, Marylebone W), 5 de Novembro de 1876.

Senhor redactor.—Apenas tenho visto mui raramente alguma folha do seu jornal, e a razão d'isso é porque na verdade é impossivel achar tempo para ler muitas folhas, especialmente estrangeiras, a quem reside n'um paiz onde ha tantas nacionaes, tão largas e tão cheias de materias importantes. Pelo pouco, todavia, que do seu papel tenho visto, sinceramente lhe digo, que me tem agradado; e não tome isto por lisonja ou complimentos, pois sou tão pouco addicto a uma cousa ou á outra das duas quanto inclinado sempre com prazer a elogiar o que me parece merecel-o.

Agora, porém, mostrando-me um amigo o seu papel, n.º 252, de 21 de Outubro, encontro n'elle alguma consideração de um assumpto, a que posso quasi chamar favorito meu; pois que d'elle comecei a occupar-me muito seriamente nada menos que ha 48 annos: quero fallar das nossas colonias ou possessões ultramarinas, e dos meios que tinhamos de utilisal-as para gloria e proveito nacionaes—o que deviamos fazer, até por gratidão, pois por ahi principalmente fomos grandes, e por ahi estamos sendo ridiculos e miseravelmente pequenos.

Ha dias, tinha eu já visto no «Commercio do Minho», a excellente carta de Thomaz Ribeiro a esse respeito. Que não tome o senhor Thomaz Ribeiro por falta de consideração a elle a minha sem-ceremonia, de não lhe appender o *rabo-leva* modernamente adoptado á franceza: em nosso bom estilo e creação portugueza, o

tal *senhor*, na ausencia, só se dava por excepção—como já em um livro mostrei; e não quero ser *macaco* dos estrangeiros, como é tanta nossa gente hoje. *Desensenhoreme-me* a mim tambem, que me farão muito favor e lh'o agradecerei e o estimarei, como estimo tudo quanto é portuguez legitimo, e aborreço quanto é imitação rasteira, sycofantica e tola.

Sim, tinha lido com muito gosto aquella carta, pelo patriotismo que manifestava, e objecto por que advogava; mas concordo menos com as queixas contra os inglezes; quando estes fazem o que lhes convém, aproveitam o que nós desaproveitamos.

Disse eu acima, que ha 48 annos me tinha occupado (rapasete como era então) d'esse objecto das nossas colonias; sentindo que por ellas, e por nossas descobertas, é que viemos a fazer tão grande figura no mundo—e podiamos, com juizo, vir ainda a recobrar grande importancia, não obstante a separação do Brasil, do qual a senhora maçonaria teve a bem alliviar-nos (que foi ella quem destruiu, ajudada pela Inglaterra, o reino unido de Portugal, Brasil e Algarves, que mais do que alguma outra nação, tinha proporções para vir a, *pelo menos*, partilhar com esta o monopolio e dominio dos mares).

¿Mas quaes eram os meios para chegarmos a esse resultado? Eram os mesmos por onde chegámos antes a ser grandes; era *pela civilização christã, catholica*. Só a crassissima ignorancia e estupidez d'isso que por lá chamam liberalismo e eu christei de *liberanguismo*, é que rejeita os mesmíssimos meios por que nós, não só conquistámos, mas assimilámos a nós, identificamos connosco, as populações dos immensos dominios que possuimos.

Foi pelo christianismo, pae da verdadeira civilização, que nos fizemos tão grandes; e é por elle que ainda hoje houvérámos pôddo ter-nos formado um imperio riquissimo e vastissimo; para que tínhamos melhores proporções que nenhuma outra nação. Era em Africa, n'aquella Africa que, por assim dizer, nos convidou ás descobertas e navegação; onde semeámos a civilização com a fé, e por meio d'esta principalmente; onde inoculámos mesmo a nossa lingua, de que por quasi toda a parte, oriental e occidental, se encontram vestigios evidentes; onde as tradições entre aquelles povos tinham mantido uma ideia grande de nosso poder, etc.;—que nós podiamos hoje estar senhores da maior e melhor parte d'essa Africa; de que os inglezes e outros, *menos nos*, vão tomar conta.

Já em 1828, eu tinha estas ideias, posto que não ainda tão desenvolvidas e confirmadas; mas o que sabia da nossa historia era bastante para guiar o meu juizo na materia. E como a primeira cousa que se precisava fazer, era civilisar e moralisar aquelles povos barbaros, selvagens, pelo christianismo; quiz, desde logo, e com a menor perda possivel de tempo, contribuir para que preparassemos os melhores instrumentos conhecidos para o effeito—*os jesuitas*.

Ahi vae toda nossa papalvada liberanga e ignorante e parva, gritar aqui-d'elrei; porque não sabe de jesuitas senão o nome, e o chorriho de petas e calumnias com que a pedreira da lhe tem enchido a cabeça a respeito dos taes padres e de tal ordem, uma das creações do christianismo as mais admiraveis, e mais uteis para o objecto precisamente da cathequização e civilização dos povos.

Eu sabia isto dos jesuitas, pelo que tinha lido e ouvido a gente sensata e despreoccupada; mas do que não sabia era da existencia real d'elles jesuitas em Paris, onde me achava nos principios de Setembro de 1828. Então, fallando acaso com um irlandez que encontrei na redacção da «Gazeta de França», e dizendo elle, que vinha da casa dos jesuitas; perguntei-lhe: «¿Pois aqui ha jesuitas? Quanto quizera ver algum!»—Então disse-me elle: «Se quer, iremos lá um dia d'estes, e o apresentarei ao provincial.»—Acceitei, e dois ou tres dias depois, conduziu-me á casa d'elles na *rue de Sévres*, onde é em Paris o seu estabelecimento, igreja, etc.

(Continúa)

A. R. SARAIVA.

PEDIDO.

Nos annos antecedentes algumas pessoas de piedade conjuntamente comigo mandamos

ao nosso SS. Padre Pio IX a consoada, que posto ser um pequeno obulo, era no entanto um signal d'amor, respeito e veneração para com o Vigario de Jesus Christo, tão necessario nos tempos que vão correndo; e como esteja chegado o tempo proprio para a consoada vou novamente este anno por este meio sollicital-a d'alguem que deseje associar-se comigo para este tão justo e louvavel fim.

Braga, Seminario Conciliar, 15 de dezembro de 1876.

P.º João Rebello Cardoso de Menezes.

GAZETILHA

Novenas do Menino Deus.—Começou hontem em Santa Cruz e começa hoje nos templos dos Congregados, Terceiros, e N. Senhora a Branca a novena do Menino Deus. São todas feitas a instrumental.

Obito.—Em Santa Eulalia de Tenões falleceu ha dias a mãe do revd.º José Antunes da Costa, a quem enviamos cumprimentos de pezaes.

Homem morto.—Foi encontrado morto na estrada de Palmeira um homem d'aquella freguezia. Ignora-se a causal da sua morte.

Transferencias.—Foi transferido para a comarca do Fundão o sr. dr. Elyseu, juiz de Villa Verde; e para esta comarca vem o sr. dr. Cypriano de Seixas, que exercia igual cargo no Fundão.

Desgraça.—Na tarde de segunda-feira um carreiro que estava a descarregar umas traves na rua de S. Victor, foi victima d'uma das traves, que caindo-lhe sobre o peito o deixou morto, passado momentos.

Boa nova literaria.—A livraria Viannense vae editar em volume as poesias do sr. Sebastião Pereira da Cunha, um dos poetas mais notaveis da geração moderna, filho do grande vulto literario, o sr. Antonio Perira da Cunha.

Mais um.—No 1.º de Janeiro começa a publicar-se em Lisboa um novo jornal ministerial intitulado «Correio em Lisboa».

E' seu redactor principal o sr. dr. Custodio José Vieira, director geral das contribuições directas.

Audiencias geraes.—Teem sido julgados em audiencia geral os individuos seguintes:

Dia 6.—Manoel Joaquim Quitas, da freguezia de Marco de Cambesel, accusado do crime de furto: condemnado em 3 annos, e custas.

Maria da Costa, da freguezia de Nine, accusada do crime de furto: condemnada em 2 annos de prisão, e custas.

Dia 13.—Joaquim Alves da Cunha, exposto da Roda de Bragança, accusado de ter subtraido objectos da igreja d'Espinho: condemnado a trabalhos publicos por toda a vida, para a Africa.

José Loura, da freguezia de Paços de Ferreira, accusado do crime de furto: condemnado em 2 annos de prisão, e custas.

Severo Joaquim Cerqueira, da freguezia de Villa Boa, accusado de furto: absolvido.

Naufragio.—Proximo de Oitavos naufragou ante-hontem a barca norueguesa «Treden», de Stavanger. Salvou-se a tripulação.

Fallecimento.—No dia 14 finou-se em Lisboa o sr. Francisco Joaquim de Sá Camello Lampreia, antigo deputado em varias legislaturas.

Caminho de ferro do Minho.—Parece que será no dia 17 do corrente a abertura do lanço de Nine de S. Bento da Varzea a 4 kilometros de distancia da villa de Barcellos.

Deixas.—O sr. Francisco José de Aranjó, ha dias falleceu em Lisboa, deixou em seu testamento, entre outros, os seguintes legados.

Aos pobres da freguezia de Sistello, concelho dos Arcos de Valle de Vez 200\$000 réis.

Aos pobres da freguezia de Passó, perto de Sistello, 60\$000 réis.

Para reparos, pintura, e aceio das imagens da igreja de Sistello 50\$000 réis.

Para o mesmo fim, nas capellas de logar do Padrão e Estrica, freguezia de Sistello, 50\$000 réis.

Para concerto e aceio nas Alminhas e Senhor dos Afflictos, que estão á entra-

da da dita freguezia de Sistello, 50\$000 réis.

A' Misericordia da Villa dos Arcos de Valle de Vez, 200:000 reales hespanhoes, valor nominal com encargo de pensão annual.

Concursos.—O «Diario do Governo», n.º 280, de 11 do corrente publica o seguinte:

Portarias mandando que seja aberto concurso para o provimento das seguintes egrejas: de S. Mamede de Gondariz, do arcebispado de Braga; de S. Mamede de Gomido, do mesmo arcebispado; de S. Sebastião de Algozo, do bispado de Bragança. Aviso de estar aberto concurso para o provimento da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Manigoto, do bispado de Pinhel.

Invernos rigorosos.—O presente inverno promette ser bastante rigoroso. A este respeito o «Petit Journal» de Paris publicou a seguinte curiosa noticia:

«Em 1783, academia das sciencias recebeu de toda a parte relatorios acerca dos effeitos extranhos do rio.

«Em a noite de 29 para 30 de dezembro, escreve o duque de la Rochefoucauld, os vinbos de todos os tuncis da minha adega que é bastante funda, gelaram-se a ponto de que me foi impossivel tirar uma só gota; umas vinte vasilhas e garrafas em que tinha vinho tinto, dispararam as rollhas com estrondo: a cada momento saltava uma, de maneira que parecia uma tiroteio. A terra gelou a dois pés de profundidade: a caça morreu.

«Nas chronicas de Saint Denis, lê-se que, em 1458, tendo o Danubio gelado de uma a outra margem, acampou sobre o gelo um exercito 40 mil homens.

«Em 1468, em Flandres foi preciso partir a machado o vinho que se distribuia aos soldados.

«O inverno de 1594 causou muitas mortes repentinas que atacaram principalmente as mulheres e as crianças.

«O inverno de 1608 foi tão excessivo que áquelle anno se ficou chamando o *anno do grande inverno*. O frio começou no 1.º de janeiro e durou até 23. Henrique IV disse que o bigode se lhe gelara ao pé da rainha.

«O frio começou no 1.º de Março do mesmo anno. Foi tão rude como o havia sido em janeiro. A caça e o gado morriam nos campos. Tambem morreram alguns homens e mulheres. Muitos ficaram paralyticos durante toda a vida e a outros gelaram-se-lhe os pés e as mãos.

«O «Journal de Physica» dá uma lista dos invernos mais rigorosos desde o 6.º seculo até ao 18.º Neste ultimo seculo notam-se especialmente os annos de 1709, 1716, 1729, 1731, 1740, 1743, 1758, 1760, 1768 e 1799.

«Os maiores frios que se teem sentido no presente seculo, foram em 1830, 1840, 1846, 1853, e 1871.

«O maior frio notado em França desde a invenção do thermometro foi observado em Pontarlier, em 1846.»

Monumento do Sameiro.—A commissão promotora do monumento da Immaculada Conceição no monte Sameiro, convida por este modo a todas as pessoas que queiram concorrer com seus donativos para a projectada procissão, que deverá realisar-se, quando chegue de Roma a Imagem da SS. Virgem, benzida e indulgeciada por S. S. Pio IX, a entregal os ao thesoureiro, o sr. Antonio José Vieira Machado, na Praça Municipal.

Outrosim pede áquellas pessoas que tenham de prestar alguns anginhos para a mesma procissão, tenham a bondade de dirigir-se previamente ao sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na livraria Catholica, rua do Souto, ou ao sr. Manoel Ignacio da Silva Braga, Praça d'Alegria.

Padre João Dias Corrêa.

A' caridade.—Imploramos á caridade das almas piedosas e bemfazejas uma esmola para os infelizes entevados Antonio dos Granginhos, e sua mulher, que ha pouco sahiu do hospital com molestia incuravel. Vivem na maior miseria. Residem na rua do Alcaide, n.º 17, n'um quarto á porta da rua.

A' caridade publica.—Na rua de D. Pedro V n.º 61, existe uma familia honesta e envergonhada, passando muita necessidade, achando-se um tilho por nome Clemente, unico que ganhava os meios para a subsistencia de todos, lutando com uma grave enfermidade.

Roga-se ás almas bemfazejas que os soccorram pelo Amor de Deus.

Appelo á caridade publica.— Lembramos ás almas caridosas, Joanna Teixeira, viuva, de 86 annos de idade, moradora na rua de Inhas n.º 85, a qual se acha entevada ha 14 annos, e sem meios de subsistencia.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA.

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Resumo do activo e passivo em 30 de novembro de 1876

Activo

Accões de Bancos e Compañias	16:654\$955
Accões para emitir	1.700:000\$000
Agencias	7:580\$471
Caixa	7:254\$830
Despezas d'installação	1:627\$569
Casa forte	495\$455
Emprestimos a Camaras Municipaes	34:538\$969
Emprestimos hypothecarios	22:280\$250
Emprestimos s. penhores	10:654\$626
Letras em carteira	212:850\$812
Moveis e utensilios	1:833\$675
Diversas contas devedoras	3:414\$295
Creditos	13:277\$784
Contas correntes	56:836\$017
Accionistas	10:121\$000
	2:101:420\$408

Passivo

Capital	2.000:000\$000
Depositos a prazo	51:880\$568
Depositos á ordem	22:779\$532
Devedores e credores geraes	14:764\$977
Fundo de reserva	1:000\$000
Ganhos e perdas	9:162\$611
Letras a pagar	897\$820
Dividendos	934\$900
	2.101:420\$408

Banco Commercial de Coimbra, 9 de dezembro de 1876.

Os gerentes.

Manoel dos Santos Junior.
José Barbosa Lima.

(312) J. Melchhiades Ferreira Santos.

DESPEDIDA

Antonio José Barbosa, caixeiro que foi n'esta cidade de José Antonio Ferreira Gomes (sucessor da casa Loureiro), rua Nova de Sousa n.º 5, tendo de ausentar-se para Vianna do Castello onde tenciona fixar a sua residencia, despede-se por esta fórma de todos os seus amigos e pessoas de suas relações, offerecendo n'aquella cidade os seus serviços a todos os amigos que d'elles se quizerem utilizar. (4475)

AGRADECIMENTOS

J. M. Pinheiro, e sua familia, summamente agradecidos para com todas as pessoas que se dignaram sentimental-os, e com especialidade para com aquelles, que lhes prestaram seus serviços no passamento de seu presado sogro e pae, o snr. Manuel Marques Pinheiro, que Deus foi servido chamar á mansão dos justos no dia 9 do corrente; vem por esta fórma protestar-lhes a sua eterna gratidão. Os mesmos convidam todas as pessoas de sua amizade a assistirem ás missas que mandam rezar por alma do finado, segunda-feira, 18 do corrente, na igreja do Populo, das 9 ás 10 horas.

ANNUNCIOS

DECLARAÇÃO

Maria do Socorro Paiva e Aguiar, tendo mudado o seu athelier de costura para a rua dos Sapateiros n.º 12, e constando-lhe que alguém se tem abtido de dar-lhe obra de costura para fazer, por suppôr que jámais trabalhe; declara que só

esse caso se tem dado quando é forçada por motivos de saúde; e porisso, toda a pessoa que deseje obsequial-a com obra tanto de snr.º como de creanças, está prompta a aceitar-a e a ser exacta no cumprimento de seus deveres, sendo tudo feito com segurança e aceio pelos ultimos figurinos.

Arrematação de bens

Pelo juizo de direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão Antonio Carlos d'Araujo Motta, por força de execução hypothecaria em que foi executor o fallecido José Fernandes Dias, negociante da mesma cidade, hoje seus herdeiros habilitados D. Maria Rita da Silva Dias viuva d'aquelle fallecido, e seus filhos e genro, todos da referida cidade, e executados José Maria Themoteo, e mulher Justina Rosa, e Justina Maria, solteira, moradores na freguezia d'Argeris, concelho de Valle Passos, voltam de novamente á praça para serem arrematados e entregarem-se a quem por elles maior preço offerecer, visto não ter apparecido lançador no dia 10 do corrente, mesmo com o abatimento da quinta parte, todos os bens de raiz de que se compõe a casa e casal dos referidos executados e que eram pertencentes a seus fallecidos paes e sogros Themoteo José, e mulher, cujos bens são situados na dita freguezia de Argeris, e da de S. Thiago da mesma comarca de Valle Passos: da sobredita execução consta, assim como dos respectivos editaes que se acham affixados na porta do Tribunal da mesma cidade, e na da casa dos executados, seus nomes, situações, confrontações e valores. Porisso quem os pertender pôde comparecer no dia 8 do proxima mez de janeiro de 1877 no Tribunal da mesma cidade, que é sito no largo de Santo Agostinho, d'onde deve ter logar pelas 10 horas a mesma arrematação, e entregarem-se os referidos bens, a quem por elles maior preço offerecer.

Braga 12 de dezembro de 1876.

(4485) Maria Rita da Silva Dias.

NOVO ESTABELECEMENTO

Doce do chá — doce fino — e vinho fino
No campo de D. Luiz 1.º (antigo campo da Vinha) n.º 27—junto ao quartel de cavallaria.
Tomam-se conta de encomendas de qualquer qualidade de doce.

MUDANÇA

Lima & Filho, com officina de calçado, participam aos seus freguezes e amigos que mudaram da rua de S. João do Souto para a de S. Marcos n.º 54. (4482)

DINHEIRO A JURO

A Meza da Irmandade de S. Vicente da cidade de Braga, faz constar que tem dinheiro para mutuar a juro de 5 por 100 livres, sobre hypotheca. (4481)

OBJECTO D'OIRO PERDIDO

Quem perdeu, ha tempo, um pequeno objecto d'oiro em forma de cruz, dirija-se ao collegio de S. Caetano d'esta cidade, aonde lhe será entregue, depois de dar os signaes certos, e pagar o importe d'este annuncio. (4482)

Largo do Barão de S. Martinho n.º 27—1.º andar

Escriptorio de commissões e varios generos á consignação.

Preços o mais modico possivel.

Vendas a dinheiro

Chá preto e verde, queijo inglez, bolacha de Lisboa e ingleza, chocolate hespanhol, doce de calda e em caixas enfeitadas proprias para as festas do Natal, vinhos genuinos do Porto, licores, champagne, Bordenis, cognac, grozeille, marasquino, escabeches e conservas inglezas, mostarda, sal refinado, sardinhas de Nantes, azeitonas, cerveja ingleza, farinha maizene.

Fazendas de lã, linho e algodão, guar-

da-chuvas e capas impremiaveis inglezas, sapatos de borracha proprios para senhora, alta novidade, luvas de pellica, baldões venezianos, machinas de coser, aço em barra, etc., etc

Tomam-se encomendas para todo e qualquer artigo dos bazares do Palacio de Crystal, por os preços no mesmo.

Compram-se por conta de uma acreditada casa de Lisboa, brilhantes e pedras preciosas de todo o valor.

Está aberto das 7 horas da manhã ás 10 da noite. (4480)

VER E CRER

BOLSSOM & POMBAR

PRIMEIROS OCLISTAS DE PORTUGAL

Casa em Coimbra. — Rua da Calçada n.º 86 a 90

Filial no Porto. — Rua de Santo Antonio n.º 159 a 161.

São já bem conhecidas as fazendas d'esta casa e os artigos que tem, portanto hoje só cremos lembrar ao respeitavel publico que já se acha aberta a nossa filial no Porto, na rua acima indicada, onde os nossos amigos e freguezes encontrarão além de muitas outras fazendas as seguintes:

Especialidade em oculos e lunetas de ouro, prata, aço, tartaruga e bufalo, barometros de todos os systemas, binoculos, oculos de longa vista, estereoscopes, vistas, thermometros, pantometros, gaphometros, bussulas, papel tella e quadricular, espheras, terrestres, celestes copernico e armillar, microscopios conta fios, lupas brilupas areometros, caixas de muzica de 1 a 36 peças, e muitas outras cousas que aqui não podemos estar a mencionar.

Escusado é lembrar os objectos da casa de Coimbra porque é já bem conhecida.

N. B. Não se altera o systema da casa, que é vender muito e barato para ganhar mais.

Coimbra 14 de Dezembro de 1876.

(4484) Bolssom & Pombar.

PARA LIQUIDAR

2 — Rua de S. Marcos — 2

Um saldo de lãs para 120, 160, 200 e 300 reis o metro.

Merinos pretos, de pura lã, largos, para 700 e 1\$000 reis o metro.

Lenços de malha a 300, 360 e 400 reis.

Bretanhas de linho para 360, 500 e 600 reis o metro.

E muitos mais objectos por preços baratissimos. (306) (4471)

A QUEM INTERESSE

Trocam-se por Promissorias do Banco de Minho ou Commercial d'esta cidade, duas moradas de casas n'esta mesma; a pessoa que pretender, tracta-se com Manuel João de Faria, largo do Ourado, (loja de solla). (4477)

Muita attenção

Deposito de biscoitos de Valongo no estabelecimento de Cerqueira da Silva & Gonçalves (casa redonda).

LARGO DA LAPA N.º 1

Preços

Biscoito valonguense kilo	280
Ditos Macarrão	280
Dito Brasileiro	300
Dito Imperial	330
Bolacha doce	280
Bolachinha d'araruta	340
Tosta azeda	190
Dita doce	280
(4450)	

Substitutos militares

Braga. Rua do Campo n.º 15.

Ha sempre homens promptos para sentar praça. Preços commodos. (4440)

PILULAS DO DR. BLAUD

Empregadas com o mais grão successo, depois mais de 40 annos por a maior parte dos medicos por curar a chlorosis (suço branco) doanca das mancebas filhas e todas as molestias chloróticas, as pilulas de Blaud parece-nos devem estar na primeira fila. — Dictionario univ. de Medicina, t. II, page 99.

«Depois 35 annos que exerço a medicina, tenho reconhecido a este medicamento (Pilulas de Blaud) vantagens incontestáveis sobre todos os outros ferreos e eu o miro como o melhor anti-chlorótico.» D. DR. DOUBLE, ex-presidente da Academia de Medicina.

«De todas as preparações ferreas que nos hão dado bons resultados no tratamento das affeições chloróticas, as pilulas de Blaud parece-nos devem estar na primeira fila.» — Dictionario univ. de Medicina, t. II, page 99.

Como prova da authenticidade, o nome do inventor está gravado sobre cada pilula como aqui junto

Depositos: Paris, 8, r. Payenne.

Em Lisboa, snr. Barreto, Loreto n.º 26—30 (27*)

Ultimas publicações

Alberto Pimentel

Guia do viajante em Portugal. 1 bonito volume com uma elegante cartanagem e um mappa de Portugal. 700

Padre Bivaux

Hiitoria Ecclesiastica. Traduzida da 6.ª edição consideravelmente augmentada e continuada até 1876, por Francisco Luiz de Seabra. A' venda o 1.º volume, cujo preço, até 31 de dezembro, é de 1\$000. Depois será elevado.

A obra constará de 3 grossos volumes e estará concluida em março.

Eserich

O coração nas mãos. 2 vol. 1\$200
Contos. 3 vol. 1\$100
Os anjos da terra. 3 vol. 1\$500

Guillaume

O medico de casa. Meio simples de reconhecer qualquer doença, e indicação do melhor tratamento a seguir para a curar. 2 vol. 1\$000

A. da Silva Vieira

Thesouro inesgotavel, ou collecção de varios processos e receitas, com applicação ás sciencias, artes, industria, agricultura e economia domestica. Obra utilissima a todas as classes da sociedade. 3.ª edição. 1 grosso volume 1\$000

Na livraria do editor Ernesto Chardron, Porto.

INJECCÃO HYGIENICA

BALSAMICO PROPHITATICO

Esta injeccão é a unica e efficaz que cura em seis ou oito dias toda a qualidade de purgações tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Vende-se em Braga na pharmacia Alvim, á Porta Nova. Em Coimbra, pharmacia Barata Diniz, rua de S. Bartholomeu.

Deposito principal no Porto na pharmacia Madureira, rua do Triunfo n.º 142, proximo ao Palacio de Crystal.

Preço de cada frasco—400 rs. (4449)

NOVA PHOTOGRAPHIA

Retratos baratos — A 1\$000 rs. a duzia.

4—RUA DOS CAPELLISTAS—4

(VULGO FONTE DA CARCOVA)

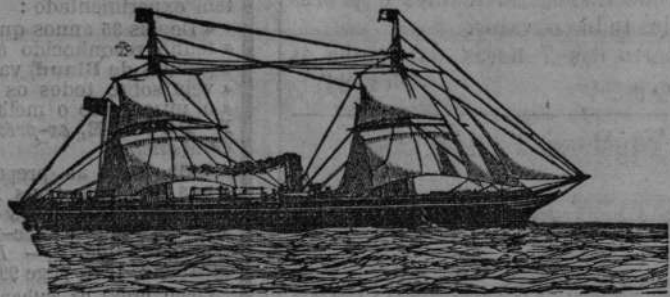
Theophilo Santiago, photographo, tira retratos pelos systemas mais modernos e aperfeçoados, garantindo a perfeição do trabalho, todos os dias, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, mesmo com os dias innevoados. (4343)

AVISO IMPORTANT

Para os engenheiros, pharmaceuticos, medicos, dentistas, professores e outras pessoas que desejarem obter o diploma de doutor ou de bacharel de uma universidade estrangeira. Dirigir carta registada a Medicus, 13, praça do Rei, Jersey. (Inglaterra.) (31 **)

Em 13  Em 28

MALA REAL INGLEZA
(INCORPORADA POR CARTA REAL)



LINHA QUINZENAL DE PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.^a classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

PAQUETES A SAIR DE LISBOA

GUADIANA . . . 29 de Dezembro	MONDEGO . . . 28 de Janeiro
NEVA 13 de Janeiro	ELBE 13 de Março

PREÇOS COMMODOS

Cada paquete d'esta companhia leva a bordo criados e cozinheiros portuguezes para commodidade dos passageiros de todas as classes.

Sendo as passagens pagas na Agencia Central no Porto ou em qualquer Agencia provincial, a condução para Lisboa e por conta da Companhia.

A bordo os passageiros tem gratis cama, roupa de cama, comida feita por cozinheiros portuguezes, vinho duas vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas.

A EXPERIENCIA de mais que um quarto de seculo tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accommodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

ISTO É COMPROVADO pela grande concorrência que tem de passageiros e pelos agradecimentos de mais de mil e cem passageiros d'entre elles feitos por escripta como consta de documentos archivados em varias agencias.

SÃO ESTES OS PAQUETES preferidos pelo Governo Inglez para a condução das suas malas do correio, e por este serviço recebe a companhia um importante subsidio. TIVERAM ESTES PAQUETES a honra de conduzir Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brazil, como tambem S. A. o Infante D. Augusto.

TODAS AS INFORMAÇÕES e bilhetes de passagem podem ser obtidos no PORTO na AGENCIA CENTRAL, rua dos Ingleses, 23; do agente GUILHERME C. TAIT; e nas provincias nas agencias e correspondencias estabelecidas em todas as principais cidades e villas.

Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

XAROPE DE BLAYN



de um gosto agradável, adoptados com grande exito ha mais de 20 annos pelos melhores medicos de Paris; curão os deflusses, gripe, tosse, dores de garganta, catarro pulmonar, irritações do peito, vias urinaes e da bexiga. Paris, BLAYN, Pharmacia à Paris, 7, rue du Marché Saint-Honoré. Preços 540 e 810 reis. Pasta 260 reis, Em Lisboa: Barreto, e em todas Pharmacias, etc. Depósito no Porto, Ferreira & Irmão, Baahia, 77. (37)

FILIAL DA CAIXA

ECONOMICA PENHORISTA

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital 500:000\$000

RUA NOVA DE SOUSA, N.º 9

(Tambem com entrada pela rua do Campo) BRAGA.

Empresta dinheiro sobre ouro, prata, joias, papeis de credito, cereaes, roupas, moveis, ferramentas, e sobre tudo e qualquer objecto do valor não inferior a 10 réis.

Recebe pequenas quantias em deposito a prazo ou á ordem abonando juros aos depositantes

A caixa está aberta todos os dias desde as 9 hora da manhã até ás 7 da noite, e nos dias santificados estará aberta só até ao meio dia.

O gerente—A. G. Ferreirinha.

RIBEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

APPROVADO PELA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Largo do Barão de S. Martinho n.º 5 BRAGA.

Faz tudo quanto diz respeito á sua arte e continúa operando gratis, pobres e soldados. (36)

AGUAS ALCALINO-GAZOZAS

DAS PEDRAS SALGADAS

Premiadas na Exposição de Vienna em 1873.

Estas aguas que a analyse e experiencia tem mostrado serem das primeiras da Europa, applicam-se com vantagem em muitas molestias, mas os seus effeitos mais notaveis são: nas molestias de estomago, bexiga, ulceras chronicas e molestias de pelle.

A Companhia só garante a pureza das aguas vendidas nos seus depositos, ou nos estabelecimentos que se sortirem dos mesmos.

Deposito principal no Porto—B. T. de Mesquita Montenegro. R. de D. Maria 2.ª n.º 30.

Braga—Antonio Alexandre Pereira Maya, R. dos Chãos. (4105)

CRI-CRI

DE PARIZ

A 2\$000 reis a grossa. Rua do Principe, 128, Lisboa. (4470)

EXERTOS DE LARANGEIRA

Da melhor qualidade dos arrabaldes de Coimbra, recebem-se encomendas na rua de D. Pedro n.º 32, 2.º andar, Porto, onde se dão os esclarecimentos precisos. (4466)

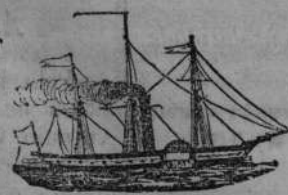
COMPANHIA

LLOYD DE BREMEN

NORDDEUTSCHER LLOYD

NOMES DOS VAPORES D'ESTA COMPANHIA

Hohenzolern—Hohenstaufen
Salier—Habsburg—Hansa
America—Hermann—Weser
Rhein—Main—Donau—Mosel
Neckar—Oder
Kron Prinz Fr. Wilhelm
Graf Bismark
General Werder
Sperber



Baltimore—Berlim—Ohio
Leipzig—Braunschweig
Nurnberg—Frankfurt—Han-
nover—Koln—Strassburg
Adler—Falke—Mowe—Reiher
Schwalbe—Schwan—Strauss
Albatross

Carreira mensal

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéo e Buenos-Ayres

Os paquetes que a Companhia está empregando na carreira do Brazil são todos de grande lotação, tendo logares para 170 passageiros de primeira classe e 750 de terceira.

São de grande velocidade, e o serviço esta-se fazendo com toda a regularidade, pelo que vae adquirindo uma boa e bem merecida reputação.

Os preços das passagens são muito razoaveis, como se póde verificar pela tabela que se acha patente nas agencias.

Sendo as passagens pagas no Porto ou nas sub-agencias da provincia, o transporte do passageiro a Lisboa pelo caminho de ferro é por conta da Companhia.

Estes paquetes são notaveis pelos seus modernos aperfeiçoamentos e esplendidas accommodações para passageiros de todas as classes.

Estão já contractados cozinheiros e creados portuguezes para estes paquetes. Aos passageiros de terceira classe é fornecido gratis pela Companhia, cama, cobertor, utensilios de mesa, e além de ser a comida á portugueza tem vinho duas vezes por dia.

A bordo de cada paquete ha um medico que é obrigado a prestar seus serviços gratuitamente aos snrs. passageiros, assim como são fornecidos todos os medicamentos necessarios.

Quaesquer informações ou bilhetes de passagens podem obter-se dos agentes **Raves & C.ª**, rua de S. Francisco n.º 4, 2.º andar—Porto—e em Braga ao agente Ricardo Malheiro Dias, na thesouraria do Banco Mercantil, ou largo do Barão de S. Martinho n.º 27. (4408)

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N. 5.

Vende papeis pintados para guarnecer sallas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (Z*)

JOSE DA SILVA FUNDÃO

Com loja de fato feito

68, Campo de Sant'Anna (lado de baixo), 68



Participa aos seus amigos e freguezes, tanto d'esta cidade como das provincias que tem um bonito e variado sortimento de fato feito, casimiras para fato muito baratas, cortes de calça a 1\$300, 2\$000 e 2\$500 reis; tudo fazendas modernas.

Guarda pós de casimira e de alpaques inglezes, roupa branca, assim como camisas de 600 reis para cima, ceroulas de 400 reis até 800, de panno familiar, e meotes, bonets de gorgurão de seda e de casimira de todas as qualidades, de 500 rs. até 800; mantas de seda de todos os feitios.

Encarrega-se de fazer qualquer obra que lhe seja encommendada, e prompti-

fica-se a ficar com ella quando não fique á vontade do freguez. (1*)

J. M. PINHEIRO



CIRURGIÃO DENTISTA

ESCOLA AMERICANA

Consultorio a toda a hora, tanto de dia como de noite. Rua do Campo (antiga Porta de S. Francisco) n.º 22. (4332)

ARMAZEM DO VINHOS

DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA POUCA

RUA DO SOUTO N.º 15—Braga.

N'este armazem se encontram a retalho as seguintes qualidades de vinhos engarrafados:

- Vinho tinto de meza. (sem garrafa) 150
- » » » » » 190
- » Lagrima 200
- » Branco de meza. 210
- » tinto de meza fino. 270
- » de prova secca. 300
- » Malvasia de 2.ª. 360
- » » velho. 400
- » Malvasia, Bastardo e Moscatel a 500
- » Roncão 700
- » Alvaralhão. 560
- » Velho de 1854 600
- » a retalho para meza 50 e 80, o quartilho tinto, e branco 120.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico. (N*)